

Adam Smith

A mão invisível

Tradução de
PAULO GEIGER

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Penguin — Companhia das Letras
Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL
The Invisible Hand

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Osvaldo Tagliavini Filho

REVISÃO TÉCNICA
Cláudia Cheron König

REVISÃO
Ana Maria Barbosa
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Smith, Adam, 1723-1790.

A mão invisível / Adam Smith ; tradução Paulo Geiger.
— 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das
Letras, 2013.

Título original: The Invisible Hand.

ISBN 978-85-63560-69-8

1. Economia – Obras anteriores a 1800 I. Título.

13-05046

CDD-330.153

Índice para catálogo sistemático:

1. Smith : Economia : Teoria : Obras anteriores a 1800
330.153

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1	A divisão do trabalho	7
2	O princípio da divisão do trabalho	19
3	O princípio do sistema mercantil	24
4	Restrições à importação de mercadorias	55
5	A irracionalidade das restrições	83
6	Os sistemas agrícolas	105

A divisão do trabalho

O maior progresso na capacidade de produção do trabalho, e a maior parte do talento, aptidão e critério com os quais ele é conduzido ou aplicado em toda parte, parecem ter sido o efeito da divisão do trabalho.

Os efeitos da divisão do trabalho nas atividades em geral da sociedade serão mais facilmente compreendidos se considerarmos de que maneira essa divisão atua de forma específica em algumas manufaturas. Comumente, supõe-se que ela tenha avançado ao mais alto grau em manufaturas menores; não talvez que esteja realmente mais presente nestas do que em outras de maior importância; mas nestas manufaturas menores, que se destinam a suprir as pequenas demandas de não mais que um reduzido grupo de pessoas, o número total de trabalhadores terá necessariamente de ser pequeno; e os que são empregados em cada diferente setor podem ser reunidos com frequência no mesmo local de trabalho* e estar todos a um só tempo à vista de um observador. Nas grandes manufaturas, ao contrário, que se destinam a suprir as altas demandas de um elevado con-

* “*Workhouse*” no original, “casa de trabalho”, que pode se referir, neste contexto, a um lugar onde pessoas pobres viviam e eram mantidas com dinheiro público, e onde compulsoriamente trabalhavam. (N.T.)

tingente de pessoas, cada diferente setor emprega um número tão grande de trabalhadores que é impossível reuni-los todos num mesmo local de trabalho. Raramente será possível ver, ao mesmo tempo, um número maior do que o dos empregados que trabalham num único setor. Embora em tais manufaturas, portanto, o trabalho possa de fato ser dividido em um número muito maior de partes do que nas manufaturas de menor porte, essa divisão não é tão óbvia assim e, por conseguinte, tem sido muito menos observada.

Tomemos, pois, um exemplo de uma manufatura de porte muito pequeno, mas na qual tenha sido frequentemente observada a divisão do trabalho: a atividade do fabricante de alfinetes; um trabalhador não adestrado para essa ocupação (que a divisão do trabalho transformou numa atividade específica), não familiarizado com o uso da maquinaria nela empregada (cuja invenção foi provavelmente suscitada por essa mesma divisão do trabalho), mal poderia, talvez, usando toda a sua aptidão, fazer um alfinete por dia, e certamente não conseguiria fazer vinte. Mas da maneira com que essa atividade é hoje conduzida, não só todo esse trabalho constitui uma atividade específica como também é dividido em certo número de setores, dos quais a maior parte é composta igualmente de atividades específicas. Um homem desenrola o fio de aço, outro o faz ficar reto, um terceiro o corta, um quarto lhe faz uma ponta, um quinto o esmerila para receber a cabeça; fazer a cabeça requer três operações distintas; pô-la no alfinete é uma atividade específica; branquear o alfinete, outra; até mesmo embalar os alfinetes num papel é uma atividade por si mesma; e a importante atividade de fazer um alfinete é, dessa forma, dividida em cerca de dezoito operações diferentes, que, em algumas manufaturas, são realizadas por pessoas distintas, embora em outras, às vezes, o mesmo homem realize duas ou três delas. Conheci uma pe-

quena manufatura desse tipo que empregava apenas dez homens, e onde alguns deles, conseqüentemente, realizavam duas ou três operações diferentes cada um. Mas apesar de serem muito pobres, e portanto só sofrivelmente equipados com a maquinaria necessária, eles podiam, quando se esforçavam, produzir entre si cerca de doze libras* de alfinetes por dia. Uma libra pode conter até 4 mil alfinetes de tamanho médio. Essas dez pessoas, portanto, podem produzir entre elas até 48 mil alfinetes por dia. Assim, pode-se considerar que cada pessoa, produzindo uma décima parte de 48 mil alfinetes, produz 4800 alfinetes. Mas se tivessem trabalhado separada e independentemente, e sem que nenhuma delas tivesse sido treinada para essa atividade específica, com certeza não poderia, cada uma delas, produzir vinte, talvez nem mesmo um alfinete por dia; ou seja, com certeza não a 240^a parte, talvez nem mesmo a 4800^a parte da quantidade que são agora capazes de atingir, como conseqüência de uma divisão do trabalho e da combinação apropriada das diferentes operações.

Em qualquer outro ofício ou manufatura, os efeitos da divisão do trabalho são semelhantes a esses verificados nos de porte bem pequeno, ainda que, em muitos deles, o trabalho não possa ser tão subdividido, nem reduzido a uma simplicidade tão grande de operação. No entanto, a divisão do trabalho, quando pode ser implementada, acarreta, em cada ofício, um incremento proporcional da capacidade produtiva. A separação entre as diferentes atividades e os diferentes empregos parece ter ocorrido em conseqüência dessa vantagem. Essa separação, inclusive, é geralmente levada ao extremo nos países que desfrutaram de um grau mais alto de industrialização e progresso; aquilo que constitui o trabalho de um único homem numa sociedade em estágio rudimentar é

* Uma libra equivale a cerca de 450 gramas de alfinetes. (N.T.)

normalmente dividido entre vários numa mais desenvolvida. Em toda sociedade desenvolvida, um agricultor em geral não é nada além de um agricultor. O manufator, nada além de um manufator. O trabalho necessário para produzir qualquer manufaturado completo é quase sempre dividido entre um grande número de trabalhadores. Como são numerosas as diferentes atividades em cada setor da manufatura do linho e da lã, desde os que cultivam a fibra e a lã até os que branqueiam e amaciam o linho, ou os que tingem e dão acabamento ao tecido! De fato, a natureza intrínseca da agricultura não admite tantas subdivisões do trabalho, nem uma separação tão completa entre uma atividade e outra, tal como o faz a manufatura. É impossível separar tão inteiramente a ocupação do criador do gado de engorda da do cultivador de trigo como se pode fazer comumente com relação à do carpinteiro e à do ferreiro. O fiandeiro e o tecelão são quase sempre pessoas distintas; mas o arador, o gradador, o semeador e o ceifador do trigo são frequentemente a mesma pessoa. Como esses diversos tipos de trabalho ocorrem em diferentes estações do ano, seria impossível que um homem fosse empregado de maneira constante em qualquer um deles. Essa impossibilidade de estabelecer uma separação tão completa de todas as diferentes etapas do trabalho aplicado na agricultura é talvez o motivo pelo qual o incremento da capacidade produtiva do trabalho nesse ofício nem sempre acompanha o ritmo de seu incremento na manufatura. Com efeito, as nações mais opulentas em geral superam todos os seus vizinhos tanto na agricultura quanto na manufatura, mas normalmente destacam-se mais por sua superioridade nesta do que naquela. Em geral, suas terras são mais bem cultivadas, e por terem mais trabalho e mais recursos aplicados nelas, produzem mais do que seria esperado em proporção à extensão das terras e à fertilidade do solo. Mas essa superioridade na produção raramente excede,

em termos proporcionais, a superioridade do trabalho e dos recursos aplicados. Na agricultura, o trabalho nos países ricos nem sempre é muito mais produtivo do que nos países pobres; ou, pelo menos, nunca é tão mais produtivo quanto habitualmente é no caso da manufatura. Portanto, considerando o mesmo nível de qualidade, o trigo dos países ricos nem sempre chegará mais barato no mercado do que o dos países pobres. O trigo da Polônia, levando em conta o mesmo nível de qualidade, é tão barato quanto o da França, a despeito da maior opulência e grau de desenvolvimento desta última. O trigo da França, nas províncias produtoras de tal cereal, é tão bom quanto o trigo da Inglaterra, e na maioria dos anos tem aproximadamente o mesmo preço que este, embora, em opulência e desenvolvimento, a França talvez seja inferior à Inglaterra. Os campos de trigo da Inglaterra, contudo, são mais bem cultivados que os da França, e considera-se que os campos de trigo da França são mais bem cultivados que os da Polônia. Mas embora um país pobre, a despeito da inferioridade de seu cultivo, possa em certa medida competir com um país rico quanto ao baixo preço e à boa qualidade de seu cereal, ele não pode pretender ser tão competitivo no que tange a suas manufaturas, pelo menos se essas manufaturas forem compatíveis com o solo, o clima e a localização do país rico. As sedas da França são melhores e mais baratas que as da Inglaterra porque a manufatura da seda, ao menos no atual regime de altas taxas sobre a importação da matéria-prima para o produto, não é tão compatível com o clima da Inglaterra quanto o é com o da França. Mas os equipamentos e as lãs em estado bruto da Inglaterra são incomparavelmente superiores aos da França, e também muito mais baratos para o mesmo nível de qualidade. Na Polônia, sabe-se, são raras as manufaturas de qualquer tipo, com exceção de algumas manufaturas domésticas rudimentares, sem as quais nenhum país pode bem subsistir.

Esse grande incremento na quantidade de atividades que, em consequência da divisão do trabalho, o mesmo número de pessoas é capaz de realizar deve-se a três circunstâncias diferentes; primeiro, ao aumento da aptidão de cada trabalhador em particular; segundo, à economia do tempo que comumente se perde ao se passar de um tipo de ocupação para outro; e, finalmente, à invenção de um grande número de máquinas que facilitam e abreviam o trabalho, e permitem que um homem realize a tarefa de muitos.

Primeiro, a melhora na aptidão do trabalhador vai inevitavelmente aumentar a quantidade de trabalho que ele pode realizar; e a divisão do trabalho, ao reduzir a atividade de cada homem para uma única operação simples, e ao fazer dessa operação a única ocupação em sua vida, vai necessariamente aumentar muito a aptidão desse trabalhador. Um ferreiro comum, que, embora acostumado a manejar o martelo, nunca foi empregado para fazer pregos, se em alguma ocasião específica for obrigado a tentá-lo, dificilmente, estou convencido, será capaz de fazer mais de duzentos ou trezentos pregos por dia, e mesmo estes serão de muito má qualidade. Um ferreiro que se acostumou a fazer pregos, mas cuja única ou principal atividade não tenha sido a de um pregueiro, mesmo com o máximo de diligência, raramente fará mais de oitocentos ou mil pregos por dia. Tenho visto vários rapazes com menos de vinte anos de idade que nunca praticaram outra atividade senão a de fazer pregos, e que, quando se aplicaram, conseguiram fazer, cada um deles, até 2300 pregos por dia. A feitura de um prego, no entanto, de maneira alguma é operação das mais simples. A mesma pessoa aciona o fole, atiza ou aviva o fogo quando necessário, aquece o ferro e forja cada parte do prego; e também, ao forjar a cabeça do prego, ele tem de trocar suas ferramentas. As diferentes operações em que se subdivide a feitura de um prego, ou de um botão de metal,

são todas elas muito mais simples, e a aptidão de uma pessoa numa dessas operações, caso esta tenha sido a única atividade a que essa pessoa se dedicou em sua vida, será normalmente muito maior. A rapidez com que algumas das operações desses manufatores são realizadas excede aquela que alguém que nunca as tenha presenciado julgaria atingível pelo trabalho da mão humana.

Segundo, a vantagem que se obtém economizando o tempo que comumente se perde na passagem de um tipo de trabalho para outro é muito maior do que poderíamos imaginar à primeira vista. É impossível passar muito rapidamente de um tipo de trabalho para outro que seja realizado em um lugar diferente e com ferramentas muito distintas. Um tecelão rural que cultiva uma pequena fazenda pode perder um bom tempo passando de seu tear para o campo, e do campo para seu tear. Quando as duas atividades podem ser realizadas no mesmo local de trabalho, a perda de tempo é sem dúvida bem menor. Mas mesmo nesse caso ela é bastante significativa. Um homem geralmente fica um pouco sem rumo quando muda de um tipo de ocupação para outro. Quando ele começa o novo trabalho pela primeira vez, raramente está muito interessado ou entusiasmado; sua mente, como se diz, não está tão afiada, e por algum tempo ele mais se distrai do que se aplica com diligência. O hábito da tergiversação e de uma aplicação descuidada e indolente, que é natural ou mesmo necessariamente adquirido pelo trabalhador rural que se vê obrigado a mudar de serviço e de ferramentas a cada meia hora, e de atuar de vinte maneiras diferentes quase que em cada dia de sua vida, o torna quase sempre negligente e preguiçoso, incapaz de qualquer atuação vigorosa mesmo nas ocasiões de maior pressão. Portanto, independentemente de sua deficiência no que tange à perícia, apenas essa causa basta para reduzir de maneira considerável a quantidade de trabalho que ele é capaz de realizar.

Terceiro e último, todos devem estar percebendo o quanto o trabalho é facilitado e abreviado com o uso de maquinaria adequada. É desnecessário dar qualquer exemplo disso. Por essa razão, só vou observar que a invenção de todas essas máquinas, graças às quais o trabalho é tão facilitado e abreviado, parece dever-se originalmente à divisão do trabalho. Os homens têm muito mais propensão a descobrir métodos mais fáceis e mais disponíveis de atingir qualquer objetivo quando toda a sua atenção e suas mentes estão dirigidas para um único objetivo do que quando estão dispersas em uma grande variedade de coisas. Mas em consequência da divisão do trabalho, toda a atenção de cada homem vai ser naturalmente dirigida a um único e muito simples objetivo. Portanto, é de esperar, sem dúvida, que um ou outro dos que estão empregados em cada subdivisão particular de um trabalho logo descubra métodos mais fáceis e mais à mão de realizar seu próprio e específico trabalho, sempre que a natureza deste admitir tal melhora. A maior parte das máquinas empregadas nessas manufaturas em que o trabalho é mais subdividido foi originalmente inventada por trabalhadores comuns, que, sendo cada um deles empregado numa operação muito simples, naturalmente concentraram seu pensamento em descobrir métodos mais fáceis e mais próximos para realizar aquela operação. A quem quer que tenha se habituado a visitar essas manufaturas devem ter sido mostradas frequentemente máquinas bem boas, que foram inventadas por esses trabalhadores para facilitar e tornar mais rápida sua própria participação no trabalho. Nos primeiros carros de bombeiros, empregava-se quase sempre um menino para abrir e fechar alternadamente a comunicação entre a caldeira e o cilindro, de acordo com o movimento ascendente ou descendente do pistão. Um desses meninos, que gostava de brincar com seus colegas, observou que, atando uma corda da empunhadura da válvula que abria

essa comunicação a outra parte da máquina, a válvula se abriria e fecharia sem sua intervenção, e o deixaria livre para se divertir com seus companheiros de brincadeiras. Assim, um dos grandes aperfeiçoamentos que se fizeram nessa máquina, desde a sua invenção, foi a descoberta de um menino que queria poupar-se de seu próprio trabalho.

No entanto, as melhorias feitas em maquinaria não foram todas, de maneira alguma, invenções daqueles que tinham ensejo de usar as máquinas. Muitas melhorias foram realizadas graças à engenhosidade dos que fabricavam máquinas, quando fabricá-las se tornou um negócio e uma atividade específicos; e algumas foram projetadas por aqueles que são chamados de filósofos, ou homens de especulação intelectual, cuja ocupação era a de não fazer nada a não ser observar tudo, e que, nessa qualidade, frequentemente são capazes de juntar e combinar os potenciais de coisas as mais distantes e dessemelhantes. Na evolução da sociedade, a filosofia ou especulação intelectual torna-se, como qualquer outro emprego, a principal ou única atividade e ocupação de uma classe específica de cidadãos. Como qualquer outro trabalho, também é subdividida em um grande número de setores diferentes, e cada um deles oferece ocupação para uma categoria, ou classe, de filósofos; e essa subdivisão do emprego na atividade da filosofia, como em qualquer outro negócio, incrementa a perícia e economiza tempo. Cada indivíduo torna-se mais perito em seu setor específico, mais trabalho é realizado como um todo, e a quantidade de conhecimento é consideravelmente aumentada por isso.

É a grande multiplicação nas produções de todos os diferentes ofícios, em consequência da divisão do trabalho, que propicia, numa sociedade bem governada, que a riqueza universal se estenda até as classes mais baixas do povo. Todo trabalhador tem uma grande quantidade de

itens de seu próprio trabalho para pôr à disposição, muito além dos que ele terá ensejo de dispor ele mesmo; e como cada um dos outros trabalhadores está exatamente nessa mesma situação, ele tem a possibilidade de trocar uma grande quantidade de seus próprios itens por uma grande quantidade dos de outros, ou, o que vem a ser a mesma coisa, pelo preço equivalente a uma grande quantidade dos de outros. Ele supre os outros abundantemente com aquilo de que eles possam ocasionalmente precisar, e eles lhe fornecem com a mesma abundância aquilo de que ele eventualmente necessite, e uma grande fartura se dissemina por todas as diferentes classes da sociedade.

Observem-se as conveniências* do mais comum dos artesãos ou de um jornaleiro** num país civilizado e próspero, e se perceberá que o número de pessoas empregadas para lhe suprir uma parte delas, mesmo que só uma pequena parte, excede qualquer cômputo imaginável. Um casaco de lã, por exemplo, que agasalha um jornaleiro, por mais rudimentar e rústico que possa parecer, é o produto do trabalho conjunto de uma grande multidão de trabalhadores. O pastor das ovelhas, o classificador e separador da lã, o penteador ou cardador, o tingidor, o desenredador, o fiandeiro, o tecelão, o pisoeiro, o que faz a roupa, todos eles precisam, com muitos outros, juntar seus diferentes ofícios para completar até mesmo uma produção tão desprezível. Quantos mercadores e transportadores, além disso, tiveram de ser empregados no transporte dos materiais de alguns desses trabalhadores para outros, que muitas vezes vivem numa parte distante do país! Quantos mercadores e

* No original, "*accommodation*". No sentido material, na definição do *Webster's*: "Algo que é suprido por conveniência ou para satisfazer a uma necessidade". (N. T.)

** Nesse caso, "jornaleiro" refere-se ao trabalhador que é empregado e recebe por dia de trabalho. (N. T.)

transportadores, além disso, tiveram de empregar tantos armadores, marinheiros, fabricantes de velas de navio, fabricantes de cordas, para reunir os diferentes ingredientes usados pelo tingidor, que frequentemente são trazidos dos mais remotos cantos do mundo! Quanta variedade de trabalho também é necessária para produzir as ferramentas dos mais medianos desses trabalhadores! Isso sem falar de máquinas tão complicadas como o navio do marinheiro, o pisão do pisoeiro ou até mesmo o tear do tecelão; e basta considerar quanta variedade de trabalho é necessária para fazer uma máquina muito simples: as tesouras com as quais o pastor tosquia a lã. O mineiro, o construtor da fornalha para fundir o minério, o vendedor da lenha, o queimador do carvão que será usado no forno de fundição, o oleiro que fabrica os tijolos, o pedreiro que dispõe os tijolos, o trabalhador que alimenta a fornalha, o encarregado de cuidar das máquinas na fábrica, o forjador, o ferreiro, todos eles têm de juntar seus diferentes ofícios para produzi-las. Examinemos, da mesma maneira, todas as diferentes partes de sua vestimenta, a camiseta de linho grosseiro que ele usa colada à pele, os sapatos que cobrem seus pés, a cama sobre a qual ele se deita, e todas as diversas partes que os compõem; a grelha na cozinha em que ele prepara suas comidas, os carvões que usa para esse fim, escavados dos intestinos da terra e trazidos até ele talvez mediante um longo transporte por mar e por terra, todos os demais utensílios de sua cozinha, todos os objetos de sua mesa, as facas e os garfos, os pratos de barro ou de estanho onde ele põe e serve suas comidas, as diferentes mãos que foram empregadas para fazer seu pão e sua cerveja, a janela de vidro que permite que entrem o calor e a luz e deixa do lado de fora o vento e a chuva, com todos os requisitos de conhecimento e de arte necessários para preparar essa bela e feliz invenção, sem a qual não se poderia proporcionar a essas regiões setentrio-

nais do mundo um tipo confortável de habitação, tudo isso junto com as ferramentas de todos os diferentes trabalhadores empregados na produção dessas diferentes conveniências; se examinarmos, afirmo, todas essas coisas, e considerarmos quanta variedade de trabalho foi usada em cada uma delas, poderemos perceber que, sem a assistência e a cooperação de muitos milhares, a pessoa mais andrajosa num país civilizado não poderia ser atendida em suas necessidades, mesmo de acordo com a maneira que falsamente imaginamos a mais despojada e simples, a que ela está costumeiramente habituada. De fato, em comparação com o luxo mais extravagante dos mais aquinhoados, suas necessidades devem sem dúvida parecer extremamente simples e despojadas; e também pode ser, talvez, que as necessidades de um príncipe europeu nem sempre excedam tanto às de um industrioso e frugal camponês quanto as deste último excedem às de muitos reis africanos, senhor absoluto das vidas e das liberdades de 10 mil selvagens nus.